

CELINA ROMEU *

A busca da modernidade, como se discute hoje no Brasil, peca por erro grave de enfoque. É parcial e localizada, tendo como objetivo prioritário e praticamente único a atividade empresarial, seja do Estado, seja particular. No entanto, a modernidade não pode ser setorizada, já que é o resultado de um processo longo, complexo e abrangente, que não só deve começar no lugar certo e seguir um curso correto como deve englobar de forma harmoniosa toda a estrutura de que a nação se compõe.

Ser moderno é estar em sintonia com o atual, é ser contemporâneo do presente e precursor do futuro. O que é moderno para o ser humano, sujeito e objeto da civilização, é o bem-estar, a felicidade possível, o atendimento de necessidades básicas, a segurança, a proteção dos mais fracos, o exercício do direito de cada indivíduo buscar oportunidades e explorar potencialidades. É, em suma, ser cidadão.

Esses objetivos não serão jamais alcançados com a abordagem dada hoje à busca da modernidade no Brasil, centralizada na atividade empresarial que busca a "otimização" administrativa às custas do desemprego, o lucro a qualquer preço, a vitória sobre o adversário com o uso de qualquer tipo de arma, a competitividade internacional com a manutenção de índices

vergonhosos de salários. Nem é moderno privatizar empresas estatais com "moedas podres", levando às últimas conseqüências a máxima predileta dos exploradores de todos os matizes, de que é preciso privatizar os lucros e socializar os prejuízos.

A busca da eficiência empresarial e a privatização de setores em que o Estado não precisa mais atuar são, sem dúvida, aspectos importantes da modernidade, mas não são os únicos, nem mesmo os prioritários. A continuar nesse caminho, talvez cheguemos a ser um "tigre" sul-americano na selva do comércio internacional, mais um parceiro "privilegiado" dos dominadores da Terra. Sem nenhuma criatividade ou originalidade, sem colaborar, de qualquer forma, para a construção de uma nova e melhor ordem mundial. E, pior que tudo, mantendo vasta parcela do povo brasileiro distante do Século XX.

Em um país moderno, o Estado cumpre sua tarefa constitucional de prover educação, cuidados de saúde, saneamento básico, vias de escoamento de produção, segurança. Suas cidades funcionam com um mínimo de eficiência. A criança é valorizada e protegida, o velho cultivado, o jovem empregado.

Para que, no Brasil, tenha tudo isso, precisa promover a modernização do aparelho administrativo

do Estado em duas vertentes básicas: primeiro, montando um corpo funcional profissional, que siga uma carreira, tenha responsabilidades e responda por suas ações. E, segundo, removendo os obstáculos que separam a população de seus serviços, removendo os entulhos de uma burocracia sem sentido que serve apenas a si mesma. É preciso manter sempre em mente que moderno não é um estado menor ou maior, moderno é o Estado que funciona.

Um aspecto prioritário da modernização do país é a reforma da educação. Entretanto, mais uma vez há distorções, e a construção de prédios se transformou na palavra de ordem da redenção da educação brasileira. É preciso dar um basta a essa concepção e compreender que não precisamos de Cieps e Ciacs, de prédios de cimento, mas de um projeto global realista e objetivo, que respeite as diferenças regionais. A escola moderna visa à educação global da criança, e isso não será possível sem o professor vocacionado, o profissional do ensino que se aperfeiçoa e cresce como pessoa ao lado de seus alunos.

Seria extremamente moderno aprender as lições da realidade e seguir exemplos que se multiplicam pelo interior do Brasil na área de educação. Por exemplo, os Centros Integrados de Educação e Saúde do governo municipal de Fortaleza,

Ceará. Um projeto de baixo custo e altos dividendos, em que o antigo grupo escolar é unido ao posto de saúde para o atendimento da criança e de toda a comunidade. Sempre com enorme e constante participação dos moradores da região.

Ao lado da educação de base, é preciso ainda o apoio aos dois pilares essenciais da modernidade — a ciência e a tecnologia. Sem a pesquisa científica *promovida ou patrocinada pelo Estado*, sem o domínio dos avanços da tecnologia de ponta, o Brasil será moderno apenas no estilo de vida dos redutos das elites ou nos aeroportos internacionais.

É fundamental a reversão do quadro atual desses setores no Brasil, o resgate do abandono criminoso a que foram relegados no passado recente.

Finalmente, a modernidade não dispensa o respeito à cultura nacional, aquele conjunto de comportamentos, expressões artísticas, manifestações de estilo e visão de vida que são a base da criatividade, o alicerce sobre o qual construímos uma forma de viver específica do brasileiro. É a cultura que nos identifica como nação e faz de cada um de nós parte inquestionável da nacionalidade.

Há muito mais a dizer, pensar e discutir. Mas o espaço é pequeno. Quem sabe eu volto?